

UM BREVE HISTÓRICO DA PRESERVAÇÃO DO ACERVO ARTÍSTICO DO MAP

Apresentaremos um breve histórico das ações de preservação do acervo artístico do MAP¹, e de como atuou o setor de Conservação e Restauração, responsável por essas ações.

Ao final, faremos algumas considerações sobre a preservação desse acervo e sobre as diretrizes necessárias à sua permanência.

Breve histórico

Conceição Piló², em maio de 1979, encaminhou a George Norman Kutova, Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esportes da época, uma documentação relativa ao período de 1962 a 1979, na qual abordava a conservação das

obras de arte pertencentes ao acervo do Museu: “A maioria das obras relacionadas necessitam de restauro e emolduramento, danos causados pelas infiltrações no prédio e pela ausência total de climatização e ambientação para a manutenção das obras.” (MUSEU DE ARTE DE BELO HORIZONTE, 1979). A mesma observação foi realizada, de forma mais ampla e contundente, por Fernando Paz, diretor do MAP em 1982: “(...) cerca de 90% das obras estão danificadas (craquelê, mofo, molduras quebradas, telas sujas, etc.). Tornar-se-ia ainda, imprescindível a transferência do acervo para outro local, a fim de possibilitar a restauração e conservação das obras de forma adequada.” (MUSEU DE ARTE DE BELO HORIZONTE, 1982)

Diante dessa situação, dois convênios foram firmados para a restauração de obras do acervo: o primeiro com

o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) em 1983, e o outro com o Centro de Conservação-Restauração de Bens Culturais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (CECOR/EBA/UFMG), em 1987. Antes desse período, não há registros no MAP que comprovem restauração ou intervenção de outra natureza.

Até o início dos anos 1990, o Museu não possuía um local adequado para guarda do acervo e não tinha em seu quadro de funcionários um profissional especializado em conservação-restauração.

Medidas de conservação preventiva foram implantadas de forma mais efetiva a partir de 1993-1994 quando, por meio da consultoria do Grupo Oficina de Restauro, a primeira reserva técnica, com mobiliário específico para

o acondicionamento de pinturas e de obras sobre papel, foi organizada. Nessa mesma época, algumas pinturas foram restauradas pela mesma empresa.

Ainda em 1994, foi feito um convênio entre MAP e CECOR/UFMG, para atuação de estudantes - estagiários³, sendo realizadas a higienização, a conferência e a organização do acervo.

As primeiras conservadoras-restauradoras⁴ foram contratadas no ano seguinte para ocuparem o cargo que a então diretora, Priscila Freire⁵, acabava de implantar, criando o setor de Conservação e Restauração do MAP (CR/MAP). Juntamente com as historiadoras⁶ que inventariavam o acervo, realizaram o manuseio, a higienização e a análise do estado de conservação de cada obra que foi identificada com um novo número de registro e nova documentação: “Ficha de Identifica-

ção”, “Análise do Estado de Conservação” e “Histórico de Conservação”. Esse processo foi continuado pela especialista em conservação-restauração, Soraya Lages⁷. O trabalho executado fez parte do processo de reestruturação do Museu, reinaugurado em outubro de 1996.

Lages deu continuidade às ações de documentação e de conservação preventiva e curativa, preparando obras para as exposições, fazendo higienização, trocando passe-partout e molduras e restaurando algumas obras do acervo no período de 1996 a 2003. Nesse período, as atividades do CR estavam direcionadas para a conservação das exposições, não havendo um planejamento com metas a curto, médio ou longo prazo para a conservação das obras em reserva técnica. As demandas da conservação das exposições de terceiros (artistas contemporâneos) eram elevadas,

dificultando uma atuação planejada junto ao acervo. As atividades do CR voltadas para as exposições prevaleceram até o ano de 2011, quando foram definidos novos rumos para a preservação, a partir da conclusão da vistoria do acervo realizada para o inventário publicado em 2010.

Desde 2011, as ações de preservação do acervo tem um planejamento definido anualmente por atividades de conservação preventiva (monitoramento ambiental das duas reservas técnicas; análise e documentação detalhada do estado de conservação das obras⁸; acompanhamento de montagem/desmontagem e conservação preventiva das exposições temporárias⁹; higienizações e trocas de acondicionamentos); conservação curativa e restauração de obras¹⁰; ações educativas (visitas orientadas, participação em seminários, publicação de artigos em periódicos especializados em

museologia e conservação e supervisão de estagiários) e demais atividades que demandem os trabalhos técnicos do setor, como a participação na Comissão Permanente de Política de Acervo (CPPA) contribuindo com pareceres sobre a aquisição de novas obras para o Museu.

As ações de conservação-restauração realizadas pelo CR/MAP são documentadas por meio de formulários padronizados, elaborados de acordo com a atividade executada. Desse modo, relatórios, pareceres, laudos, protocolos, históricos e memoriais registram aquisições, empréstimos, exposições, sinistros e restaurações, constituindo os Dossiês de conservação das obras do acervo, com metodologia e critérios readequados desde 2008.

Considerações

Ao relatarmos o histórico das atividades de conservação-restauração no MAP,

observamos que em 20 anos (de 1990 a 2010) as ações predominantes realizadas pelas conservadoras-restauradoras foram o registro da identificação do acervo junto às historiadoras e museólogos, e a execução de procedimentos de conservação, como higienização e acondicionamento. Ocorreram várias formas de registros, textuais e iconográficos, mas no momento em que se finalizava cada processo de documentação e que se fazia necessária a implantação de uma política para preservação, visando a constituição, a normatização e a permanência dessas informações e, principalmente, de ações de conservação preventiva, dava-se um novo direcionamento às atividades, encaminhado pelas trocas de gestão na instituição¹¹, dificultando o trabalho de preservação do acervo.

A ausência de uma política de preservação

e de difusão do acervo possibilita que as ações de conservação-restauração fiquem comprometidas, não sendo normatizadas ou mantidas. Documentos mostram intervenções esporádicas e pontuais de restauro sem um planejamento prévio, decorrendo sempre da urgência dada pelo empréstimo ou exposição de obras, e não pelo estabelecimento de um plano de preservação (conservação preventiva e conservação-restauração) discutido e avaliado previamente.

Outro fator que devemos considerar é a ausência de um planejamento voltado para a infraestrutura, o qual deveria prever condições para a adequação e ampliação dos espaços das reservas técnicas para um acervo em constante crescimento.

As atividades e questões aqui levantadas nos fazem compreender que o acervo artístico do MAP é um acervo vivo, com imenso potencial, mas que ainda necessita

de olhares mais atentos.

Lembramos que o Museu possui obras de arte que representam momentos importantes na história das artes visuais em Belo Horizonte e que precisam ser preservadas, pesquisadas, expostas e divulgadas.

Entendemos que um acervo só é preservado se é mostrado e vivenciado pelo público. Para isto é necessário que a missão¹² do Museu seja mantida e reafirmada, sendo o eixo fundamental para a condução das atividades museológica¹³, desde a aquisição da obra de arte até a sua apresentação ao público.

Finalizamos ressaltando a importância da preservação do acervo artístico do MAP que se formou acompanhando o desenrolar da História da arte em Belo Horizonte, e que, além de único, é público.

Notas

1 O MAP era denominado Museu de Arte de Belo Horizonte (MABH) desde a sua criação em dezembro de 1957 até 1995. Após passar por restauração do edifício que o abriga e por constituição do seu quadro de funcionários técnicos e administrativos, reabriu ao público com o nome de Museu de Arte da Pampulha (MAP). Esse nome foi sugerido e votado durante o seminário realizado pela Fundação Roberto Marinho e pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte em 1995 no auditório do Museu.

2 Maria da Conceição Piló Bittencourt, conhecida como Conceição Piló (1927-2011), participou de atividades museológicas no período de 1962 a 1970 e foi diretora do MABH (atual MAP), entre os anos de 1971 e 1979.

3 Foram estagiárias as alunas do 10º Curso de especialização em conservação-restauração de bens culturais móveis da EBA/CECOR/UFMG: Ana Cláudia V. Magalhães, Gilca F. de Medeiros, Marilene C. Maia e Vera R. B. Willhelm sob a orientação de Anamaria R. A. Neves, professora do referido curso na época.

4 As primeiras conservadoras-restauradoras do MAP foram Gilca F. de Medeiros e Marilene C. Maia, especialistas em conservação-restauração de bens culturais móveis, que atuaram no CR em 1995 e 1996.

5 Priscila E. Freire foi diretora do MAP nos períodos de 1993-1999 e de 2001-2008.

6 Fizeram o inventário do acervo do MAP em 1995, as historiadoras Cristina Ávila e Kátia Miranda.

7 Soraya Lages atuou no CR de 1996 a 2003.

8 De 2011 a 2013 foi documentado o estado de conservação de todas as esculturas e objetos do acervo em um total de 233 peças. De 2014 até hoje, estão sendo analisadas e re-condicionadas as obras sobre papel.

9 Foram realizadas sete exposições com obras do acervo de 2010 a 2016.

10 Passaram por procedimentos de conservação curativa ou de restauração 104 obras de arte.

11 A troca de gestores do Museu se dá de acordo com as mudanças de governo do município. Por ser um museu público, pertencente à Prefeitura de Belo Horizonte, o Chefe de Departamento do MAP é escolhido pelo Presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

12 “O MAP tem como missão preservar, pesquisar, fomentar e difundir seu patrimônio histórico e artístico através de atividades culturais e educativas nas áreas de artes visuais, por meio de exposições temporárias de obras de seu acervo e demais artistas modernos e contemporâneos.” Artigo 3º do Regimento Interno do MAP que se encontra em construção.

13 Entendemos como atividades museológicas aquelas ligadas à preservação, pesquisa e difusão, as quais dentro do MAP são realizadas pelos setores de Museologia, Conservação e Restauração, Artes Visuais e Educativo, contando ainda com o CEDOC que guarda e preserva toda a documentação produzida pelos demais setores.